

A linguagem e a construção do mundo dos objetos¹ (1932)

[Ernst Cassirer]

Die sprache und der aufbau der gegenstandswelt

Adriano Ricardo Mergulhão

<https://orcid.org/0000-0003-2178-947X> - E-mail: adrianomergulhao@yahoo.com.br

(Tradutor)

1. Quando consideramos o conjunto das funções, cuja união e penetração recíprocas, constroem a figura [*Gestalt*] de nossa realidade psicológica e intelectual, abre-se um duplo caminho da interpretação teórica dessas funções. Podemos ver nelas ou essencialmente uma cópia [*abbildende*], um fato secundário, ou uma realização arquetípica [*urbildlich*] e assim originária [*ursprungliche*]. No primeiro caso, partimos da ideia de que o mundo, a “realidade” a qual essas funções se referem como seu objeto [*Objekt*], é sempre dado, tanto em seu ser [*Sein*] como em sua estrutura – e que trata-se, para o espírito humano, de simplesmente tomar posse dessa realidade dada. Este ente-“externo” [*Draussen-Seiende*] e subsistente a nós deve, de algum modo, “ser transportado” [*hinübergezogen*] para a consciência, ser transformado em um ente-interno [*Innerlichg-Seiendes*], sem que esse processo lhe acrescente qualquer característica verdadeiramente nova. O mundo se espelha na consciência. No entanto, quanto mais esse espelhamento é puro e fiel, mais ela se limita a reproduzir as determinações que preexistem como tais no objeto e que nele estavam claramente separadas umas das outras. É este caráter de repetição, de μίμESIS [*mimesis*], que podemos atribuir ao conhecimento, à arte, à linguagem e do qual podemos partir para tentar compreender seu valor [*Wert*] e sua realização [*Leistung*]. Mas a história da filosofia – e sobretudo a história do problema do conhecimento – nos mostrou já há muito tempo a insuficiência e os limites essenciais desta interpretação e

¹ Publicado originalmente em: *Bericht über den XII. Kongress der Deutschen Gesellschaft für Psychologie* em Hamburgo de 12.-16 de Abril de 1931, em *Deutschen Gesellschaft für Psychologie* organizado por v. Gustav Kafka, Jena 1932, p.134-145.

desta maneira de ver. Desde a “revolução copernicana” de Kant se aprofunda cada vez mais a convicção, ao menos na crítica do conhecimento, de que a simples teoria da cópia não dá conta de descrever acuradamente a essência do conhecimento e, mais ainda, não a esgota. “A ligação [...] de uma multiplicidade”, como o mostra Kant nas discussões decisivas da *Crítica da Razão Pura*, não pode jamais vir a nós pelos sentidos - ela é, ao contrário, “um ato da espontaneidade da faculdade da representação”. E para este ato ele atribuiu o nome [p. 112] de “Síntese”: “para fazer notar [...] que não podemos representar coisa alguma como sendo ligada no objeto se não a tivermos nós ligado previamente e também que, entre todas as representações, a *ligação* é a única que não pode ser dada pelos objetos, mas realizada unicamente pelo próprio sujeito, porque é um ato da sua espontaneidade”². Devemos pressupor tal “síntese” e, conseqüentemente, tal “ato de espontaneidade” não somente para uma consciência teórica, mas para cada modo e para cada direção fundamental de nossa formação intelectual. Este ato vale em toda função de imagem; ele é necessário não somente para o conhecimento científico do mundo, mas para esta sorte de visão e de construção do mundo que se realiza na linguagem ou na arte. Por conseguinte, se queremos continuar a ver no conhecimento, na arte e na linguagem meramente espelhamentos do mundo, não podemos esquecer que a imagem dada por esse espelho não depende somente da natureza do objeto, mas também de nossa própria natureza; que ela não reproduz um desenho já dado no objeto, mas implica um ato original de desenhar. Ela não é, portanto, uma simples cópia: ela é expressão de uma original força formadora de imagem [*originalbildenden Kraft*]. As imagens espirituais do universo que possuímos na consciência, na arte ou na linguagem são, deste modo, para designar com uma palavra de Leibniz - “espelhos vivos” [*“lebendige Spiegel”*]: “espelhos vivos do universo” [*“miroirs vivants de l’univers”*]³. Não são simples recepções ou registros passivos, mas atos do espírito. E cada um desses atos originais desenhando para nós um contorno particular e novo, um determinado horizonte do mundo objetivo. Todas essas imagens não provêm de um objeto já dado, mas elas nos levam até ele, em sua direção: essas são as condições construtivas de sua possibilidade. Para o objeto da arte, para o objeto estético, podemos nos dar conta imediatamente desta lei opondo umas às outras, segundo as variedades da configuração [*Gestaltung*] e da “apresentação” [*Darstellung*] plástica da imagem nas diferentes artes. A configuração nas artes plásticas não resulta de que elas, pintura, escultura, arquitetura - começaram todas por colocar uma determinada imagem [p. 113], como um molde já pronto do espaço intuitivo [*Anschauungsraume*] para nele transportar em seguida seus objetos particulares. Todas essas artes não se limitam a descobrir o espaço, mas elas devem conquistá-lo - e cada uma conquista-o com sua maneira singular, própria, específica. Elas não são simples transposições ou cópias de um espaço rígido preexistente, mas caminhos de acesso ao espaço, elas não reproduzem mecanicamente uma “contraposição externa” [*Auseinander*] preexistente de coisas, mas são verdadeiros órgãos de construção do espaço. O problema da “Forma” nas artes plásticas, como mostrou Adolphe Hildebrandt em discussões capitais, só pode ser resolvido se o remontamos a esta força orgânica fundamental. E desde que Wilhelm von Humboldt, cujo pensamento se liga estreitamente ao de Kant, foi capaz de perceber o problema da crítica da linguagem esboçando seu primeiro programa sis-

² Immanuel Kant. *Kritik der reinen Vernunft* (Werke, in Gemeinschaft mit Hermann Cohen u.a. hrsg. v. Ernst Cassirer, Bd. III, hrsg. v. Albert Görland, Berlin 1913), S.113 (B129f.).

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

³ Gottfried Wilhelm Leibniz. Principes de la nature et de la grace, fondés en raison. In: *Die philosophischen Schriften*, hrsg. v. Carl Immanuel Gerhardt, Bd. VI, Berlin 1885, S. 598-606: S.599,603; auch ders., *Monadologie*, in: *Die philosophischen Schriften*, Bd. VI, S.607-623: S.616, 621.

temático, foi reconhecida e solidamente estabelecida, no domínio da linguagem, a mesma lei fundamental. Humboldt qualificou de “verdadeiramente desastrosa para a linguística”⁴ a ideia bastante corrente de que as diferentes linguagens apenas dariam nomes a uma mesma massa de objetos e conceitos existentes independentemente deles. Ele defende, ao contrário, uma interpretação e uma análise que mostrariam que cada língua particular contribui à formação da representação objetiva e como ela procede nesta formação. De seu ponto de vista, a diferença das línguas vem menos da diferença de sons e de signos que das perspectivas do mundo. “Na formação e no uso da língua transfere-se necessariamente todo o caráter particular da percepção de objetos. Pois a palavra nasce precisamente dessa percepção particular; não há uma impressão do objeto em si, mas da imagem que ele engendra na alma”⁵.

2. Com esta tentativa de reconduzir as formas da linguagem a certas formas e atitudes psíquicas fundamentais, Humboldt colocou a psicologia diante de uma nova tarefa. Mas, um vislumbre sobre o desenvolvimento geral da psicologia no último século mostra que se abordou esta tarefa [p. 114] com hesitação e, de certo modo, com escolhas conflitantes. Sem dúvida a psicologia não se restringiu aos problemas da psicologia individual, mas sim progrediu junto às questões da psicologia dos povos [*Völkerpsychologie*], e ela por algum tempo acreditou ter estabelecido sobre um solo firme e seguro também a consideração da linguagem nos fundamentos e preparações que foram feitos para essa nova disciplina. E demonstrou todos os tratamentos da linguagem, os quais foram empreendidos nas estruturas da psicologia dos povos, com relação justamente a um defeito metódico e um limite comum, ela acreditou ter estabelecido a ciência da linguagem em um terreno sólido e seguro. A análise da linguagem apoia-se aqui essencialmente sobre ambos conceitos fundamentais os quais foram determinantes e dominantes para toda a psicologia do século XIX. Para os fundadores da psicologia dos povos, Lazarus e Steinthal, o conceito herbartiano de apercepção [*Apperzeptionsbegriff*] ocupa sempre o ponto central, ele se mostra como a verdadeira chave, por meio da qual o mundo dos fenômenos linguísticos deve ser aberto. E mesmo com Wundt, que em muitos aspectos vai além dessa primeira abordagem, um problema tão importante e central tal qual o do significado linguístico e também da mudança linguística desse significado, ainda permanece completamente preso ao círculo usual da psicologia da associação [*Assoziationspsychologie*] – e permanece como que confinado neste círculo. É apenas pouco a pouco que se estabelece, na psicologia moderna, esses dois conceitos fundamentais – a apercepção de Herbart e a associação de Wundt – os quais não podem atingir a essência desta verdadeira “síntese” [*Synthesis*] em cada ato original da linguagem e não podem dar-lhe uma expressão adequada. Também a psicologia popular [*Völkerpsychologie*] permaneceu essencialmente como uma psicologia elementar [*Elementarpsychologie*]; Ela também aspirava àquele velho ideal de conhecimento, a “*encheiresis naturæ*”, a qual acreditava manter as partes de um todo unidas mais firmemente a medida que seu “laço espiritual”⁶ [*geistige Band*] se afrouxava. Atualmente a psicologia renunciou quase totalmente a esse ideal, hoje ela não crê mais poder compreender, através disso, as formações e totalidade psíquicas [*Gebilden-Ganzheiten*], destruindo-se em seus elementos. Mas, para este vislumbre negativo até o domínio positivo do problema da linguagem ainda há um longo

⁴ Wilhelm von Humboldt. Ueber die Verschiedenheiten des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts (Einleitung zum Kawi-Werk). In: *Gesammelte Schriften*, 17 Bde., hrsg. v. der Königlich Preussischen Akademie der Wissenschaften, Berlin 1903 ff, Bd. VI, S. 111-303: S.119.

⁵ Ders., Ueber die Verschiedenheiten des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluss auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts (*Gesammelte Schriften*, Bd. 17 VII). S.59f.

⁶ Johann Wolfgang von Goethe. *Faust*. Eine Tragödie. Erster Theil (Werke, hrsg. im Auftrage der Grossherzogin Sophie von Sachsen, 1. Abt., Bd. XIV, Weimar 1887), S. 91.

caminho. Pois aqui imediatamente uma nova dificuldade metodológica aparece. Humboldt disse, que a verdadeira definição [p. 115] da linguagem só poderia ser genética. Nós precisamos, para compreender a linguagem, não nos deter no que foi formado [*Gebilden*], mas sim buscar o rastro da lei interna desta sua formação – nós não podemos contemplá-la como algo acabado, como produto, é preciso, ao contrário, concebê-la como uma produção, como um trabalho [*Arbeit des Geistes*] do espírito que sempre se repete. Mas como esse trabalho pode tornar-se compreensível para nós: Como passar do produto da linguagem ao processo da linguagem? Os métodos conhecidos e utilizados na psicologia parecem falhar perante esta tarefa. Nem o experimento [*das Experiment*], e nem a introspecção nos dá aqui um caminho seguro. Pois, ambos se movem em um mundo formado pela linguagem [*sprachlich geformten Welt*]; ambos já pressupõem a linguagem em lugar de observá-la e descrevê-la em seu, por assim dizer, “*status nas-cens*”. O vínculo da linguagem é o que une o experienciador e o experienciado e que leva à compreensão entre ambos. E também todo conhecimento de nossos próprios estados introspectivos, muito mais do que cotidianamente tomamos conhecimento, tais estados estão condicionados pela linguagem e são mediados por ela. Não somente, como diz Platão, o pensamento é um “diálogo da alma consigo mesma”⁷, mas sim, desde o domínio da percepção e da intuição, até a profundidade do sentimento remontar a sua origem, na solidariedade dessa amálgama indissolúvel com a linguagem. Quanto à psicologia moderna do pensamento, ela solicita, conforme Hönigswald explicou, uma “aderência das palavras ao pensamento” [*Worthaftigkeit des Denkens*]⁸ em seu princípio condutor. Como então a linguagem ela mesma poderia ser compreendida psicologicamente já que a linguagem é, ao contrário, um meio [*Medium*] no qual se move toda compreensão e concepção psicológica? Não se pode seguir um caminho direto, mas sim um caminho indireto que possa nos conduzir aos fins - aqui só podemos tentar remontar, através de uma conclusão regressiva, da forma ao princípio formador, da “*forma formata*” à “*forma formans*”. Se conseguíssemos encontrar uma região da alma [*Provinz des Seelischen*] que fosse especificamente ligada à linguagem e a qual, essencialmente dela se encarregasse, poderíamos descobrir em sua estrutura uma testemunha indireta sobre o devir e a geração da linguagem, assim talvez pudéssemos ler em seu desenvolvimento as leis de formação e configuração as quais a linguagem está submetida.

3. A tese, a qual eu desejaria defender aqui – e que, pelo curto tempo que tenho ao meu dispor, somente posso [116] indicar, mas não esclarecer e justificar em seus pormenores – isto indica que uma tal província [*Provinz*] de fato existe, na medida em que deve-se assumir uma relação essencial e necessária entre a função fundamental da linguagem e a função da representação objetiva. A representação “objetiva” – e assim quero tentar demonstrar – não é o começo a partir do qual o processo da formulação da linguagem pode ser obtido, mas sim, a meta a qual este processo conduz; não é seu *terminus a quo*, e sim, seu *terminus ad quem*. A linguagem não entra em um mundo de pronta e acabada intuição objetiva para adicionar a objetos individuais dados e claramente delimitados um em relação aos outros, pois são seus “nomes” que seriam signos puramente exteriores e arbitrários; mas sim, a própria linguagem é mediadora na formação de objetos [*Gegenstandsbildung*]; ela é, em certo sentido, a mediadora por excelência, a mais importante e a mais preciosa ferramenta para a conquista e construção de um puro “mundo dos objetos” [*Gegenstandswelt*]. A justificativa completa desta tese filosófico-lingüística [*sprachphilosophische*] ultrapassa muito o escopo destas considerações; eu devo me contentar em ilustrar com alguns exemplos concisos, tomados no contexto de problemas da psico-

⁷ Platon, Theaitetos 189E-190 A; Sophistes 264 A.

⁸ Richard Hönigswald, *Die Grundlagen der Denkpsychologie. Studien und Analysen*, Leipzig 1924, S.28 u. 43.

logia. Hoje, a própria psicologia compreendeu claramente e definiu com precisão a maneira pela qual a investigação psicológica coloca o problema da representação dos objetos. Ela não vê mais nisto um fato a partir do qual a investigação psicológica poderia partir, como um dado auto-evidente, mas sim, cada vez mais, a reconhece como uma tarefa à qual é colocada pela análise psicológica. A moderna psicologia do desenvolvimento [*Entwicklungspsychologie*] colocou fora de dúvida, que nem toda vida com consciência segue sempre os caminhos da apreensão e da interpretação dos objetos. Em especial, no mundo da representação dos animais [*Die tierische Vorstellungswelt*], ainda se desconhece essa formação das impressões em representações “objetivas” e esse princípio de constância e de identidade de objetos, desempenha um papel determinante e decisivo em nossa apreensão da realidade. Pode-se caracterizar este mundo da representação, assim como Heinz Werner⁹ fala de um “difuso” [*diffusen*], modo de apreensão da linguagem dos animais, ou, como Hans Volkelt¹⁰, quis descrevê-la como um conjunto maior de “qualidades complexas” – sempre encontramos uma aguda fronteira que a separa da região especificamente humana da intuição. Por mais difícil que seja determinar imediatamente esse limite, em seus pormenores imediatos, sua existência só é assegurada, em um nível geral, por aquilo que podemos concluir indiretamente sobre a forma de vida animal. Aqui se encontram, sobretudo, as pesquisas fundamentais de Uexküll, as quais trouxeram à luz [117] a oposição entre os dois mundos da representação, humano e animal. Através destas investigações, nós compreendemos como cada animal tem seu próprio “mundo ambiente” [*Umwelt*] e seu próprio “mundo interno” [*Innenwelt*] – como ele é colocado em um espaço vital que lhe é próprio e que é especificamente adaptado a ele. Mas o fato de viver e agir neste espaço não equivale de modo algum a ter uma intuição sensível. Se se o animal vive neste espaço, ele é, porém, incapaz de se opor objetivamente a ele, razão ainda mais forte para representá-lo como um todo unificado de uma determinada estrutura. O espaço animal permanece no nível do espaço de ação e reação; não se eleva ao nível do espaço de representação e apresentação. Disto resulta o caráter fechado e estreito do mundo dos animais. Uexküll diz em algum lugar que os animais inferiores, em particular, repousam tão tranquilamente em seu mundo exterior quanto uma criança em seu berço. “A sensação do mundo ambiente forma [...] uma barreira sólida, encerrando o animal como as paredes de uma casa que se teria construído a si mesma, separando-o de uma totalidade de mundo que lhe permanece estrangeira”¹¹. Mas esse muro protetor que cerca o animal é simultaneamente a prisão na qual ele está preso para sempre. Só é possível romper essas paredes e sair dessa prisão em um determinado nível de vida, onde o ser não fica mais preso à esfera da atuação, da “ação” e “reação”, mas sim quando se atinge a forma da apresentação e, por meio dela, à forma primária de conhecimento. Então, todo o horizonte da vida se transforma repentinamente. O mero espaço da ação torna-se o espaço do olhar; a esfera da ação passa a ser a esfera da visão. E é precisamente nesta transformação, nesta *μετάβασις εἰς ἄλλο γένος* [transição para outros gêneros], que a linguagem desempenha um papel essencial. Parece haver aí uma fase no desenvolvimento da linguagem em que ainda podemos observar essa ruptura de forma direta e tocá-la, por assim dizer, ela deixa-se agarrar com a mão. Todas as observações e descrições da fala infantil insistiram neste ponto; elas acenam a “revolução intelectual” [*Revolution der Denkart*]¹² que irrompe na criança no momento em que desperta pela primeira vez a consciência do simbolismo linguístico. “A criança – é assim que Stern descreve esse despertar – não apenas emprega as palavras como símbolos, mas ela

⁹ (N. do T.) Heinz Werner. *Einleitung in die Entwicklungspsychologie*. Leipzig, 1926, p. 73.

¹⁰ (N. do T.) Volkelt. *Ueber die Vorstellungen der Tiere, Arbeiten zur Entwicklungspsychologie*, édit. par Félix Krueger, I, 2, Leipzig, 1914.

¹¹ Jacob von Uexküll. *Umwelt und Innenwelt der Tiere*, Berlin, 1909, S. 212.

¹² Kant. *Kritik der reinen Vernunft*, S. 15f. (BxI f.).

observa que as palavras são símbolos e está continuamente *em busca* de palavras. Ele acaba de fazer aqui uma das descobertas mais importantes de toda a sua vida: para qualquer objeto há sempre [118] um complexo sonoro que o simboliza e que serve para designar e comunicar, i.e. *toda coisa tem um nome*¹³. Agora desperta na criança uma necessidade quase insaciável de saber os nomes das coisas – uma verdadeira “fome de nomes” [*Nameshunger*] que se exprime em questionamentos contínuos. Agora se manifesta na criança, como um observador apontou, em uma verdadeira mania denominativa, uma curiosidade intelectual. Mas não me parece que descrevemos, do ponto de vista psicológico, essa tendência em termos suficientemente exatos quando apenas vemos nela uma espécie de curiosidade intelectual. A curiosidade da criança não se circunscreve aos nomes como tais, mas se dirige para a coisa para a qual ela agora necessita da fixação de um nome, e ela só precisa dele para fixar e definir certas representações objetivas. Alguns psicólogos indicaram que o estágio da linguagem em que nos encontramos representa, do ponto de vista intelectual, um progresso tão importante quanto o “aprender a andar” no domínio do desenvolvimento corporal; pois assim como a criança que anda não precisa mais esperar que as coisas do mundo exterior cheguem até ela, assim também a criança que questiona tem uma maneira totalmente nova de intervir pessoalmente no mundo e de construí-lo por si mesma. Prosseguindo nesta analogia, podemos dizer que o nome e o conhecimento com os quais se relaciona desempenham na criança o mesmo papel que a mão que a conduz e guia em seu caminhar, ou a bengala em que se apoia. Com os nomes em mão, ela pode como que tentar apalpar a representação dos objetos. Portanto, não devemos acreditar que essa representação já tenha para a criança uma existência estável; esta existência deve ser conquistada e consolidada. E para consolidá-la o nome é fundamental. Parece-me típico que, nas crianças, a forma de questionar os nomes nunca consista, tanto quanto eu sei, em perguntar como “se chama” uma coisa, mas, pelo contrário, questionar o que uma coisa “é”. O interesse da criança não está atrelado ao ato da designação, que aliás ainda ignora completamente enquanto um ato isolado. Mesmo para os povos primitivos, é característico que não haja ainda em suas consciências uma verdadeira separação entre a “palavra” e a “coisa”; ao contrário, a palavra é um elemento objetivo da coisa e constitui realmente sua própria essência. Assim, a criança pergunta o nome para aprender uma maneira de tomar posse da coisa pela consciência. Entre a coisa e o nome se produz uma verdadeira “concrecência” [*Konkreszenz*]; eles se desenvolvem apoiados mutuamente e ligados um ao outro. O processo psicológico desta concrecência não pode ser observado diretamente, mas podemos [119] compreendê-lo considerando o fim em direção ao qual tende e se orienta toda representação objetiva. Este fim não é nada menos que a formação espiritual de uma unidade sintética. “Dizemos – assim fala Kant – que conhecemos o objeto quando realizamos uma unidade sintética do múltiplo da intuição”¹⁴. É nesta produção de unidade sintética que a linguagem essencialmente toma parte. A crítica cética da linguagem, desde os tempos da sofística grega até a crítica de Fritz Mauthner, sempre considerou, como uma imperfeição real da linguagem, a necessidade que ela tem de designar com uma só palavra uma multiplicidade de impressões ou representações diferentes. Ela deixa assim perder a riqueza infinita da realidade, a sua individualidade básica, o seu carácter concreto e sua vitalidade – e em seu lugar coloca-se um escasso esquema de palavras. Porém aqui o que se considera como uma falha fundamental da linguagem, o que recriminamos como pobreza é, ao contrário, quando olhamos mais de perto, uma de suas qualidades essenciais. Pois é só por este caminho que se pode chegar a uma nova “sinopse” intelectual do múltiplo [*“Synopsis” des*

¹³ Clara Stern e William Stern. *Die Kindersprache. Eine psychologie und sprachtheoretische Untersuchung*. Leipzig, 1928, S. 190.

¹⁴ Kant. *Kritik der reinen Vernunft*, S. 615(A105).

Mannifaltingen] – e chegar a esse “*συνοπαῖν εἰς ἓν*”¹⁵ [*ver a multiplicidade na unidade*] que é, segundo Platão, a condição para a contemplação das ideias. Uma casa vista de frente, de trás, de lado, um objeto considerado de diferentes pontos de vista e sob diferentes posições e iluminações são, sem dúvida, impressões sensíveis muito diferentes em cada uma destas vivências intuitivas. Mas, na medida em que, em cada desenvolvimento da vivência da linguagem, na aquisição do “nome”, um sinal comum é dado e atribuído a cada uma dessas impressões, elas contraem, simultaneamente, uma nova conexão e entram em uma nova relação. A unidade do nome serve de ponto de cristalização para a multiplicidade de representações; os fenômenos heterogêneos em si mesmos tornam-se homogêneos e semelhantes por sua relação com um centro comum. E em virtude dessa relação, tornam-se pela primeira vez fenômenos interpretados como representações de um único e mesmo “objeto”, do qual aparecem como tantas “silhuetas”. Onde a força da “função denominativa” é paralisada como resultado de distúrbios patológicos, a ligação da unidade objetiva parece se afrouxar novamente. A unidade dá lugar ao desmembramento, em vez de ordem e unidade categorial, encontramos uma multiplicidade variada, mas sem relações. Gelb e Goldstein descreveram um caso de amnésia de nome de cores em que essa situação é claramente [120] visível. O enfermo, que havia perdido o uso de nomes genéricos para cores, como “vermelho”, “amarelo” etc., sentia e “via” também o mundo das cores de maneira bem diferente do homem saudável. Ele percebia e distinguia com a maior precisão cada nuance particular, mas não ordenava essas nuances em certas tonalidades fundamentais [*Grundtöne*]; não as percebia como “pertencentes” a elas. Na verdade, seu mundo de cores era, em certo sentido, mais rico e mais concreto, ou – como Goldstein e Gelb expressamente nomeiam – um mundo “mais colorido” [*“buntere” Welt*] – mas essa multiplicidade de cores [*buntheit*] foi conquistada através de uma falta de agrupamento e articulação sistemáticos. Se não estou enganado, este caso particular engloba toda uma teoria geral em si mesma. Também Head acentuou em seu trabalho sobre a afasia, demonstrando que em certos casos da determinação da afasia, onde a capacidade de fala, sem ser suprimida, é dirigida em certos aspectos para o mundo da representação – e para a visão de mundo que revela no doente uma mudança característica. Os pacientes preferem as expressões “pitorescas”, as designações gerais e abstratas; eles preferem “pintar” os objetos em vez de simplesmente “designá-los”. Em todos esses casos é afirmado o parentesco íntimo que existe entre uma certa forma e a direção essencial do comportamento linguístico e certas formas de apreensão objetiva determinadas: a variação de um destes momentos implica, em si mesma, na variação de outro.

4. Com as últimas observações, entramos agora no domínio que, ao lado da biologia e psicologia do desenvolvimento, se torna decisivo para o esclarecimento do significado empírico e para a solução de nossa questão essencial. Eu não posso mais entrar neste domínio sobre os fatos essenciais da *patologia da linguagem* – e não necessito fazê-lo, já que esses fatos serão, no decorrer destas conferências apresentados por experientes especialistas e desenvolvidos pormenorizadamente. Apenas um assunto será aqui abordado enfaticamente nesta esfera de problemas. Um dos líderes no domínio das pesquisas sobre a afasia, Jackson, observou que, a fim de obter uma noção clara acerca da doença afásica, não basta descrevermos, caso a caso, o vocabulário do enfermo. Não é o fato desse vocabulário em si que é crucial, mas a maneira como ele é usado. Jackson observou que o essencial da afasia não repousa em uma perda de palavras singulares ou de classes de palavras, mas sim na incapacidade de utilizar as palavras em um sentido no qual elas alcancem um verdadeiro valor-proposicional [*Satzwert*] (*propositional value*). As perdas da linguagem, no caso da afasia, não eram para ele a perda da capaci-

¹⁵ Platon. *Phaidros* 265D; *Nomoi* 965 B.

dade de formação de palavras, mas sim a perda [121] ou diminuição da capacidade de formação de sentenças predicativas que sejam equivalentes; ou seja, essencialmente tais sentenças que possuem como conteúdo um ser [*Sein*], uma propriedade ou um comportamento dos objetos. Novamente distinguimos aqui a relação existente entre a forma linguística da “enunciação” [*Aussage*] e, em sentido lato, uma determinação lógico-objetiva de nosso pensamento. Somente nas mãos da linguagem o pensamento atinge sua mais alta determinação objetiva: somente em virtude da linguagem ele se torna capaz de expressar fatos puros [*reiner Sachverhalte*]. A sentença predicativa – a “sentença” proposicional torna-se o veículo para cada tipo [*Art*] e para cada modo [*Modus*] de estabelecimento [*Setzung*] objetivo no qual uma visão de mundo verdadeiramente objetiva emerge primeiramente. Entretanto, onde a linguagem falha, nossa percepção objetiva cai para um nível diferente. O uso imediato dos objetos pode estar completamente mantido ou pelo menos amplamente preservado – e ainda assim não é mais possível apreender os objetos em seu “ser” [*Sein*] puro e defini-los em seu “ser-assim” [*Sosein*]. Eles são manuseados adequadamente; mas não é possível torná-los “representáveis” [*vorstellig*] além desse manuseio, movê-los, por assim dizer, para a distância e mantê-los “contrapostos” a si mesmo nessa distância. Novamente, isso torna-se mais evidente na representação do espaço. Existem pacientes afásicos cuja orientação espacial não é significativamente prejudicada; que não apenas encontram seu caminho em seus arredores, mas também atribuem a cada objeto seu “lugar” [*Stelle*] específico e usual – na verdade, que fazem isso com um constrangimento particular que excede em muito o nível usual. E, no entanto, mesmo em tais pacientes, um olhar mais atento revela uma mudança característica e um defeito característico em sua intuição do espaço [*Raumanschauung*]. Pois o espaço desses pacientes continua sendo um mero espaço de ação e comportamento; não atinge o nível da imagem espacial pura [*reinen Bildraum*] ou do espaço representacional [*Darstellungsraum*]. Aqui, a manipulação “no” espaço é essencialmente correta; mas não há possibilidade de ter presente [*Vergegenwärtigen*] “o” espaço, em sua totalidade ou na predeterminação [*Fügung*] de suas partes individuais. Não é incomum que esses pacientes percorram um caminho muito complicado do hospital até sua casa; mas não têm a capacidade de descrever essa rota ou indicá-la em um mapa. Da mesma forma, no uso diário dos objetos, eles nunca se enganam sobre sua posição correta, sobre a maneira como, por exemplo, a mesa, a cadeira, as camas no quarto deles estão “organizadas conjuntamente” – mas eles são incapazes de descrever e capturar essa união em um simples esboço [*Skizze*]. Aqui também fica claro, a partir de uma nova perspectiva, que uma mudança na capacidade [122] linguística sempre acarreta simultaneamente uma certa mudança na “imagem de mundo” [*Weltbildes*] como um todo. Por esta via, a objetividade assume, por assim dizer, uma outra “face” [*Gesicht*]. Ela recua da esfera da “*Vorhandenheit*” – em resumo, para descrevê-la nos termos característicos de Heidegger – de volta para a dimensão da mera “*Zuhandenheit*”. Um exemplo dentre outros seria o caso: igualmente no fato de que uma pessoa doente não nomeia mais os objetos pelos “nomes das coisas” [*Dingnamen*], mas, em vez disso, utiliza designações que são retiradas do uso destas coisas – que ele não encontre a palavra “faca”, mas afirme corretamente que o objeto, cujo nome lhe foi solicitado, se destina “a cortar”. Em tudo isso, parece-me que há um problema geral para a psicologia. As considerações que apresentei aos senhores não pretendem fornecer uma solução para este problema: elas devem apenas colocar a questão em si de modo claro e determinar sua direção geral. Quanto à solução, estou ciente de que ela, de modo algum poderá ser encontrada somente a partir da filosofia da linguagem, nem com base em considerações puramente especulativas. Neste ponto, mais do que em qualquer outro lugar, a filosofia da linguagem necessita da ajuda e da orientação das ciências empíricas da linguagem. Somente por meio do trabalho conjunto da lingüís-

tica, da linguagem comparada, da história da linguagem, da biologia, da psicologia e da psicopatologia poderemos ter esperança de que progressivamente dominaremos a tarefa em questão. Minhas atuais exposições não tiveram a intenção de representar, diante dos senhores, uma tese específica sobre a filosofia da linguagem, muito menos justificá-la completamente: eu só desejava levantar uma questão e solicitar a mútua cooperação junto aos senhores, como representantes da psicologia científica.

Sobre o tradutor

Adriano Ricardo Mergulhão

Professor Colaborador da Universidade Estadual de Londrina (UEL). Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR, 2013-2018), cuja tese “Enigma do Tempo: o problema do Objetividade como contraposição entre Heidegger e Cassirer” foi realizada com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001, sendo premiado com “Menção honrosa” no “Prêmio Capes de Tese 2019” na área de Filosofia. Foi bolsista CAPES/PDSE (Programa de Doutorado Sanduíche no Exterior) durante o segundo semestre de 2017, atuando como pesquisador convidado na Humboldt-Universität zu Berlin, com coorientação internacional conduzida pelo Prof. Dr. Christian Möckel (HU- Berlim).

Recebido: 11/2/2025

Received in: 2/11/2025

Aprovado: 25/10/2025

Approved in: 10/25/2025